

O instagram de Clarah Averbuck: um corpo literário que fala

Clarah Averbucks's Instagram: a literary body that speaks

DOI:10.34117/bjdv7n12-552

Recebimento dos originais: 12/11/2021

Aceitação para publicação: 19/12/2021

Roseli Gimenes

Pós Doutorado em Comunicação e Semiótica - PUCSP
Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - PUCSP
Coordenadora geral do curso de Letras UNIP
Docente do curso Semiótica Psicanalítica PUCSP
Alameda Grajaú, 292- 41 A. Alphaville-06454-050 BARUERI - SP
roseligi@icloud.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão sobre o papel das redes sociais no ativismo digital apontando as questões expressivas do feminismo por meio do instagram da escritora Clarah Averbuck. Averbuck foi pioneira do espaço de escritura digital ao criar muitos anos atrás um blogue provocativo em que discutia as principais questões do empoderamento feminino. Pelo instagram, a autora revela mais que escritura literária verbal porque vai além ao postar-se na aprendizagem da pole dance, considerada uma dança de conotações sexuais em suas apresentações, sentido comum, em shows e boates para público masculino. A metodologia do trabalho consiste em análise de algumas postagens fotográficas com um contexto verbal literário apontando, quase sempre, uma crítica a esse universo masculino que critica mulheres intelectuais em cenas chamadas ironicamente de obscenas. O material será analisado pelo ponto de vista teórico de Castells (2013) em função do uso de redes sociais para expressão para além do literário, mas também do literário. A discussão ambienta-se, pela fusão imagem-texto, na concepção semiótica do corpo de acordo com as posições de Lucia Santaella (2004) somando-se às interpretações de Santaella e Lemos (2010) sobre redes sociais. Revelar o quanto é criativa e poética a rede mostra como o instagram pode também falar a todos desmistificando o corpo feminino.

Palavras-chave: Clarah Averbuck, Literatura, Corpo, Instagram, Redes Sociais.

ABSTRACT

The aim of this article is to present a discussion about the role of social networks in digital activism by pointing out the expressive issues of feminism through the instagram of writer Clarah Averbuck. Averbuck pioneered the digital writing space by creating a provocative blog many years ago discussing the key issues of female empowerment. Fur instagram the posture in learning pole dance, considered a dance of sexual connotations in their presentations, common sense, shows and nightclubs for male audience. The methodology of the work consists of analyzing some photographic posts with a verbal literary context

pointing, almost always, a critique of this masculine universe that criticizes intellectual women in scenes called ironically obscene. The material will be analyzed from the theoretical point of view of Castells (2013) due to the use of social networks for expression beyond the literary, but also the literary. The discussion is set, by fusion image-text, in the semiotic conception of the body according to the positions of Lucia Santaella (2004) adding to the interpretations of Santaella and Lemos (2010) about social networks. Revealing how creative and poetic the network shows how Instagram can also talk to everyone demystifying the female body.

Keywords: Clarah Averbuck, Literature, Body, Instagram, Social networks.

1 INTRODUÇÃO

A escritora Clarah Averbuck logo nos primórdios das redes sociais manteve blogue com escritos e comentários a respeito das questões sobre feminismo. Desde sempre seguiu publicando várias obras que a consagraram como parte das escritoras contemporâneas brasileiras. Nascida ao final dos anos 70, fez parte de grupo de autores vindos de Porto Alegre nos anos 2000. Vinte anos depois e muitas publicações na bagagem, a escritora nos últimos tempos, além de continuar contribuindo para revistas ativistas, dedica-se a publicações no instagram.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar uma discussão sobre o papel das redes sociais no ativismo digital apontando as questões expressivas do feminismo por meio do instagram da escritora. Averbuck foi pioneira do espaço de escritura digital ao criar um blogue provocativo em que discutia as principais questões do empoderamento feminino. Pelo instagram, a autora revela mais que escritura literária verbal porque vai além ao postar-se na aprendizagem da pole dance, considerada uma dança de conotações sexuais em suas apresentações, sentido comum, em shows e boates para público masculino.

A metodologia do trabalho consiste em análise de algumas postagens fotográficas com um contexto verbal literário apontando, quase sempre, uma crítica a esse universo masculino que critica mulheres intelectuais em cenas chamadas ironicamente de obscenas.

O material será analisado pelo ponto de vista teórico de Castells (2013) em função do uso de redes sociais para expressão para além do literário, mas também do literário. A discussão ambienta-se, pela fusão imagem-texto, na concepção semiótica do corpo de acordo com as posições de Lucia Santaella (2004) somando-se às interpretações de Santaella e Lemos (2011) sobre redes sociais.

Revelar o quanto é criativa e poética a rede mostra como o instagram pode também falar a todos desmistificando o corpo feminino. Nesse sentido, o trabalho espelha um pouco da figura poética da autora, do sentido das redes sociais, especificamente, o instagram, as questões do feminismo ativista e a análise de um espectro de corpo como suporte poético.

2 REDES SOCIAIS – O INSTAGRAM

Castells (2013) como sociólogo estudou as redes como nós que se enlaçam. Nesse sentido, Averbuck pertence já à geração que interliga esses nós. Partindo da divulgação de seus escritos pelo blogue, a escritora tornou-se uma ativista nas e pelas redes. Dentre essas redes, navegamos pela internet com muitos propósitos, entre eles, divulgar nossas emoções, nossos pensamentos e nossas obras.

Essa rede de conhecimento e divulgação é diversa em público atingido. Quando se está navegando, usa-se o google para encontrar alguém e rapidamente somos dirigidos a outras malhas como o facebook, o twitter, o linkedin, o instagram. Cada uma dessas redes trabalha com pessoas, imagens, textos focados em um tipo de público. O linkedin, por exemplo, acabou tendo como função lidar com temas relacionados ao trabalho. O facebook ficou um tanto mais perceptivo a um público adulto. Ao instagram vários são os interesses, mas os mais jovens o preferem mais, mas não tanto quanto preferem o TikTok.

Em virtude disso, a publicidade é um dos nós que se enlaçam nessas redes jogando seus produtos em diferentes segmentos, diferentes faixas etárias. Há todo um percurso a saber qual horário é o mais visualizado pelos usuários, assim é preciso analisar o pico de busca de material em cada rede.

Em 2019, um bilhão de usuários estavam no instagram. A questão é exatamente como capturar esse grande número de pessoas interessadas no seu produto, na sua figura, na sua imagem. Eis o ponto aqui relevante, o instagram é uma rede muito focada em imagens. Há textos, mas são curtos com limite de caracteres. Diferente do facebook ou do linkedin. Significa que a força dessa rede se ata por nós imagéticos. Ativam literalmente o imaginário, um dos três registros da psicanálise segundo Lacan (1974-1975), aquele que trabalha com a questão do espelho, quer dizer, que busca uma identidade em um outro, uma imagem refletida. Esse mesmo imaginário que a semiótica trabalha com o signo na posição de ícone (Santaella: 1985) como aquilo que está presente à consciência de alguém naquele momento presente. Isso tudo faz do instagram um

enorme espelho em que encontramos ou nos encontramos imagem à semelhança.

De seu lançamento em 2010, lá se vão dez anos de imagens no instagram. É simples criar um perfil nessa rede, postar suas fotos de preferência, criar stories com imagens e textos rápidos que levam o desejo ao usuário já que elas não ficam disponíveis o tempo todo. Cada like dado a um post conta pontos de excelência a favor de quem quer vender seu produto. E o produto é você mesmo, muitas vezes.

Como veremos, Clarah Averbuck não está necessariamente vendendo-se como um você, mas está manipulando ideias ativistas do corpo feminino em busca até do choque que ele provoca ao olhar do usuário. O instagram é, então, a melhor vitrine. A autora não está ali postando seus textos literários. Posta o corpo que então funcionará como escritura.

Para melhor apreender essa postura do corpo como arte, apresentamos a escritora.

3 CLARAH AVERBUCK NA LITERATURA: BIOGRAFEMA

Usamos aqui o termo biografema em lugar de biografia, seguindo os ensinamentos de Roland Barthes (1990). Evidentemente não estamos nos referindo a um autor morto, mas uma análise já pode evidenciar passos de uma vida em relação aos feitos de uma obra:

Se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida furada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra ou então um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra (Barthes: 1990, 12).

Assim é que um biografema pretende criar uma cadeia significativa de um outro, como diria o psicanalista Jacques Lacan. Um biografema não se restringe à vida de um autor, mas às cores de suas obras tecidas da vida para a obra.

No dizer de Ruffato (2004), Clarah Averbuck é uma, entre muitas, mulheres que começaram a escrever na década de 1990 e que estão “profundamente mergulhadas num universo mudo pela internet, surdo pela música altíssima e cego pelas paredes dos shoppings” (Ruffato: 2004, 16).

Só essa descrição já a deixaria de fora do cânone atribuído a escritores. Ao menos, o paradigma que se tem de escritores. Ter iniciado sua escritura em 1990, faz de Averbuck um outro paradigma, o dos autores nascidos na década de 70 em meio a questões políticas

muito sérias no Brasil, como em outros países da América do Sul.

De fato, Averbuck nasceu em Porto Alegre em 1979. Sempre considerou a escola uma coisa chata o que a fez cursar um supletivo para finalmente ter acesso à universidade. Cursou Letras e Jornalismo, mas acabou não concluindo nenhuma graduação.

Em 2001, veio para São Paulo onde criou o blog “brazileira!preta”

Figura 1: Blog “brazileira!preta”



Fonte: <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/>

Destacamos, seguindo Beiguelman (2003, 49) a relação do leitor com o autor que desmistifica processos de criação como no caso do blog “brazileira!preta” da escritora Clarah Averbuck que começou muitas de suas obras na interação com leitores de seus blogs. Na palavra de Beiguelman

Não se trata apenas de conferir ao leitor um papel participativo na construção da narrativa. Inúmeros exemplos desse tipo podem ser encontrados na literatura impressa. Trata-se de analisar a situação inédita que a estrutura da Internet permite usufruir, pelos processos de compartilhamento de arquivos (Beiguelman: 2003, 48).

Do sucesso desse blog surgiram outros e logo obras que se tornariam marcas biografemáticas da vida de Clarah. O que isso significa?

Sem serem autobiográficas, as obras de Averbuck sempre são narrativas em que a própria autora, seus namorados, seu marido, sua filha, seus gatos estão presentes. Como é o caso de “Máquina de Pinball”, editora Conrad, 2002; “Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante”, editora 7Letras, 2003; “Vida de Gato”, editora Planeta, 2004; “Eu quero ser

eu”, editora 7Letras, 2013.

A questão da música, além da literatura, também está no centro das obras da autora. Filha de músico, ela também canta. Teve várias bandas com as quais fez muitas turnês pelo Brasil. Outro ponto frequente em suas narrativas é a marca de músicas com as quais a autora aponta relevância.

Na epígrafe de seu conto “Psycho” (Ruffato: 2004, 23), Clarah deixa suas entrelinhas da relação música/ contexto da escritura:

Baby, you’re driving me crazy
I Said baby, you’re driving me crazy
The way you turn me on
Then you shot me down
Well, tell me baby
Am I just your clown?
The Sonics –

Clarah Averbuck também não se cansa de apontar suas influências literárias mostrando ser seguidora/leitora de John Fante, Charles Bukowski, Paulo Leminski, certamente da subcultura pop e da literatura de consumo.

Com suas obras de força de escritura, Clarah atraiu o pessoal do teatro e do cinema para seus trabalhos, caso do diretor Murilo Salles.

Com 35 anos, Averbuck já construiu seu papel de mulher como escritora na cena literária brasileira.

4 CONTEMPORÂNEOS DE TRAVESSIA

Ao lado de Clarah Averbuck, outras mulheres escritoras também tomam a cena da literatura brasileira da década de 90.

Segundo Ruffato (2004), na esteira de Averbuck estão: Simone Campos, Mara Coradello, Álex Leilla, Ana Paula Maia e Claudia Tajés. Outras entre debochadas e auto-reflexivas, estão Luci Collin e Guiomar de Grammont. Ainda em outras:

O cinismo pode estar presente tanto em um texto refinado como o de Fernanda Benevides de Carvalho, quanto no de um ilusoriamente simples como o de Ivana Arruda Leite. A frustração (basicamente a sexual), que leva à solidão, encontramos-la em Livia Garcia-Roza, em Cintia Moscovich (Ruffato: 2004, 16-17).

Essas entre tantas mulheres que estão fazendo a literatura brasileira do século XXI.

Elas e tantos jovens dessa geração como Daniel Galera, Michel Laub, Ricardo Lísias, Júlian Fuks, entre outros que integram a Granta (2012) e que fazem das letras brasileiras um novo paradigma literário:

Os textos aqui reunidos representam uma fatia importante dos escritores em atividade no Brasil: autores com menos de 40 anos e com pelo menos um conto já publicado. Alguns têm em seu currículo um número significativo de obras lançadas. Michel Laub, o autor que abre esta edição está em seu quinto romance e recebeu, em 2011, o Prêmio Bravo! de Literatura por seu livro mais recente (Granta: 2012, 5-6).

Seria o caso de perguntar: por que Clarah Averbuck não entrou nessa lista em que estão seu companheiro de Porto Alegre, Daniel Galera, ou sua companheira da obra de Ruffato (2004), Tatiana Salem Levy? Qualidade literária não lhe falta. Publicações, também não. Será a Granta (2012) um novo cânone? Escolhas de jurados. Mesmo Ruffato (2004) fez escolhas e explicou que muitas outras mulheres poderiam estar em sua seleção.

Afinal, as mulheres conquistaram espaço também na literatura:

Como em Sherazade - a mulher que adiava a morte pelo talento com que contava histórias ao sultão na Mil e uma Noites -, narração e sobrevivência vêm juntas. A presença da mulher no romance – lendo-o, escrevendo-o ou protagonizando-o – não apenas deu voz à metade da humanidade que permanecia calda ao tempo em que as letras eram território exclusivamente masculino (o que já não é pouco...), mas também deu vida e fôlego longo ao romance, gênero por excelência da modernidade. (Lajolo: 2004, 61)

5 A LITERATURA DE CLARAH AVERBUCK VAI AO CINEMA

Dos autores mencionados, vários estão com adaptações de suas obras. Citamos Daniel Galera. O filme “Cão sem dono”, de Beto Brant (2007), é adaptação de seu romance “Até o dia em que o cão morreu” (Galera: 2007).

Adaptações sempre nos levam a comparar filme e obra literária. A intertextualidade que envolve esse processo precisa ser observada. Qualquer literariedade pode soar falsa na transposição do código, especificamente, verbal para o hibridismo da linguagem do cinema.

No caso do filme “Nome Próprio”, de Murilo Salles (2007), não se trata da adaptação de uma única obra de Averbuck. Um desavisado leitor poderia pensar que houve apropriação ou desapropriação da obra da autora.

Assim como fez Néelson Pereira dos Santos com o filme “A terceira margem do

rio” (1994) que transpôs ao cinema vários contos da obra “Primeiras Estórias” (1962), de Guimarães Rosa. O título do filme induz a pensar que seja apenas uma adaptação do conto “A terceira margem do rio”, parte de “Primeiras Estórias”.

No caso de “Nome Próprio”, o cineasta acertou na leitura da obra de Clarah como um todo. Impossível não relacionar esse título com a publicação recente da escritora, “Eu quero ser eu”. Clarah é nome próprio literal e metaforicamente falando, como veremos adiante na análise dessa obra.

Quem é Camila, a protagonista de “Nome Próprio” senão a própria Clarah Averbuck de dentro de todas as suas obras? De dentro de seus romances “Vida de Gato” (2004) e “Máquina de Pinball” (2002)?

Jair Santana (2008) definiu bem o filme apontando a relação frágil entre o espectador e seu nome próprio, seu espelho no cinema, encarnado por Camila, brilhantemente interpretada pela atriz Leandra Leal:

Apesar de ser um filme atual, jovem, e ter inúmeras qualidades, “Nome Próprio” não tem sido um sucesso de público. Talvez pela personagem difícil. Talvez pela baixa divulgação do filme, ou pelo preço do cinema, ou ainda, porque o filme exija demais seu público. Talvez ainda, porque, grande parte do público de cinema no país, seja exatamente como Camila. E o incômodo de se ver na tela os fazem sentir como Camila se sente ao ser criticada em seu blog (Santana: 2014).

Um leitor, assim como um espectador, se vê espelhado no que ouve, lê, vê. Camila/ Clarah são espelhos, retratam o jovem como bem colocou Ruffato (2004, 16) ao dizer que são jovens deste tempo. Também por isso o público de cinema identificou “Nome Próprio” e “Cão sem dono” como semelhantes. Semelhantes em personagens, semelhantes ambos em personagens que se revelam em seus próprios autores. Autores que vieram, Clarah e Daniel Galera, de Porto Alegre para São Paulo e aqui fazem seus romances mantendo um vínculo, uma irmandade.

Talvez, como seus jovens leitores, à margem.

A subjetividade do corpo usado como arte no Instagram é melhor compreendido já a partir de uma das últimas obras da autora.

6 CLARAH, “EU QUERO SER EU”

A mais recente publicação de Clarah Averbuck aponta uma tendência da literatura brasileira da década de 90, o intimismo em primeira pessoa. No caso, a tendência autobiográfica é suavizada pela maturidade da autora passados 15 anos ou mais de suas primeiras publicações. Clarah cresceu, é mãe e já não é tão jovem como a Camila de

“Nome próprio”.

Eu quero ser eu (2013), traz uma retrospectiva de como Camila (que está em “Vida de Gato” e “Máquina de pinball”) chegou a ser Camila. Começa com a escola: “Eles praticamente ensinam que ser diferente é errado, então tchau, que essa mancha no meu currículo sirva para a minha história” (Averbuck: 2013, 9).

Ironicamente a personagem chave chama-se Ira (Iracema, mas todos a chamam de Ira) e vive às voltas com questões diversas às dos adolescentes que a rodeiam. Curiosamente, Ira tem pais muito bacanas:

Meus pais são legais. São os pais mais legais que eu conheço. Minha mãe é minha amiga, é linda e inteligente e desenha os desenhos mais legais do mundo e gosta de rock e me compra músicas legais e tem discos de vinil em casa até hoje, uma coleção enorme, que era de um amigo do meu avô (Averbuck: 2013, 25).

Ao leitor fica a sensação de que, nessa obra, Clarah transferiu-se para sua filha. Seria Ira a filha, então? Ou Ira é um espelho para Clarah contar a história de uma adolescente que também poderia ser ela mesma em época adolescente?

Seja como for, Ira é tão diferente quanto a Camila de suas primeiras obras.

“Eu quero ser eu” é narrativa em primeira pessoa:

Adorei tudo. Adorei ele, adorei o jeito que ele falava, o jeito que ele se mexia, o jeito que ele tratava os alunos não dando margem pra mimadinhos, adorei aquele pedaço de tatuagem saindo pela camiseta, adorei que ele era sério e não fazia piadinhas pra ganhar os aluninhos. Adorei (Averbuck: 2013, 21).

Ira encontra em uma nova escola, fora convidada a sair da outra, um professor que realmente se fazia respeitar, contrário ao que se vê nas escolas neste momento difícil da educação brasileira. Significa que uma adolescente diferente não quer dizer uma adolescente que não sabe valorizar um bom professor. Segundo Ira, os “mimadinhos” é que não sabem, então.

A linguagem da narrativa é simples, sem ser simplista, empresta aos personagens suas características etárias e contemporâneas de jovens urbanos.

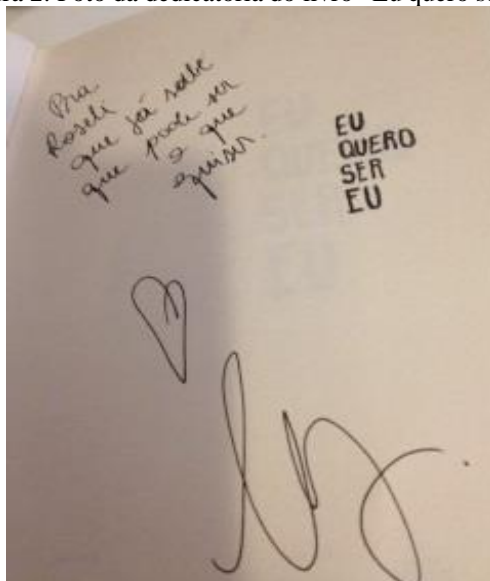
Por mais que possamos inferir de essa obra de Averbuck tratar de uma ‘realidade’, como bem afirma Barthes (1987), a representação é sempre um outro, uma outra ‘realidade’:

Outra coisa se passa, ligada sem dúvida a um outro sentido da palavra “representação”. Quando, num debate, alguém representa qualquer coisa a seu interlocutor, não faz mais do que citar *o último estado* da realidade, o intratável que existe nela (Barthes: 1987, 60-61).

Nesse sentido, o nome da personagem Ira pode representar a raiva adolescente dela como também a rebeldia da autora para com aqueles que tratam diferentes de maneira brusca. Possível também pensar que Ira abreviado de Iracema aponte para a personagem de Alencar, ‘a virgem dos lábios de mel’, um certo modelo diferente da mulher europeia do século XIX. Ira, Iracema, é um paradigma de adolescente diferente, mesmo em se tratando do século XXI.

Na dedicatória que Clarah fez a esta autora (Roseli Gimenes), enigmaticamente, ela plantou um desconforto. “Pra Roseli que já sabe que pode ser o que quiser”.

Figura 2: Foto da dedicatória do livro “Eu quero ser eu”



Fonte: Autora

Quem nos dera saber o que queremos ser, mas é possível perceber que Averbuck vira Roseli como alguém que já atingiu um algo, ser professora, escrever, falar sobre Clarah neste artigo. Ou, então, julgou Roseli sendo como sempre quis ser, sem ter que se explicar do porquê ser. Será?

Será que ela sabia do prazer da autora com seu texto? Ela descobrira a análise da leitura de sua obra de forma prazerosa, ainda que uma análise, como diria Barthes (1987):

Cada vez que tento “analisar” um texto que me deu prazer, não é a minha “subjetividade” que volto a encontrar, mas o meu “indivíduo”, o dado que torna meu corpo separado dos outros corpos e lhe apropria seu sofrimento e seu prazer: é meu corpo de fruição que volto a encontrar. E esse corpo de fruição é também *meu sujeito histórico*; (Barthes: 1987, 81).

“Eu quero ser eu” revela muito de eu sei que quis e que sou eu quando se lê uma obra que pode revelar seu ser: Clarah e Roseli escritoras, mulheres, diferentes, fazendo literatura no século XXI em um mundo, ainda, de homens escritores. Em um mundo que

trata cabelos crespos, corpo fora da anorexia, vozes que falam sobre isso como à margem, em um outro lado do social. Assim é que Clarah e Roseli confluem. Ambas como ‘reais’ indivíduos tirando prazer do texto e da leitura como ficção:

Talvez então retorne o sujeito, não como ilusão, mas como *ficção*. Um certo prazer é tirado de uma maneira da pessoa se imaginar como indivíduo, de inventar uma última ficção, das mais raras: o fictício da identidade. Esta ficção não é mais ilusão de uma unidade; é ao contrário o teatro da sociedade onde fazemos comparecer nosso plural: nosso prazer é *individual* - mas não pessoal (Barthes: 1987, 80-81).

Clarah Averbuck, participando de palestras para alunos de Letras, disse mais de uma vez que se considera diferente e Ira, sua personagem de “Eu quero ser eu”, também afirma isso na obra: “Eu não posso ser tão estranha só porque eu não quero ser igual a todo mundo. “Eu quero ser eu”. Não pode ser tão estranho eu querer ser eu e não outra pessoa (Averbuck: 2013, 19).

O que significa ser eu em relação a ser diferente e não ser igual a todos os outros? Clarah está fiel ao mundo adolescente médio, da classe média, que de alguma maneira segue padrões de consumo estilizados e que transformam os seres em únicos, não em um único ser. Para incluir-se o jovem precisa ser igual a todos os demais.

A leitura de trechos leva a questões antigas de considerar mulheres, as meninas do texto, submissas às vontades masculinas que diferem de pensar as mulheres como seres que leem, mas que também escrevem, que também constroem o mundo social em que vivem. Marisa Lajolo (2004) fez uma excelente análise de como o papel da mulher retratado na literatura brasileira a aponta como mulher leitora, mulher cuja leitura a coloca em posição perigosa e mulheres que começam a aparecer como escritoras:

Assim, não obstante o severo e magro regime de leitura e de escrita a que eram submetidas as brasileiras – maiores e menores de idade -, na primeira metade do século XIX, elas *também* viraram o jogo e o romance tornou-se, efetivamente, um *gênero feminino*, inaugurando-se com uma história do tipo *perfil-de-mulher* (Lajolo: 2004, 48).

Em recente palestra, em curso de Letras de uma universidade privada, Clarah Averbuck, ironicamente, provocou os alunos afirmando que detestara o curso de Letras porque ele apenas trabalhava obras clássicas da literatura, desprestigiando as contemporâneas, os novos autores como os da geração de Averbuck. Citou, inclusive, que detestava a obra “A Moreninha”, de Macedo, justamente porque a personagem central lhe era “desconhecida”. No entanto, nesse caso, o contexto social e histórico do século XIX conferia papel difícil às mulheres e a ‘moreninha’ do romance dá um salto à frente de seu tempo, ou seja, à frente de seu tempo na literatura que traduzia os romances europeus

com suas heroínas bem distantes daquelas leitoras de obras do período do Romantismo brasileiro, como bem explica Lajolo (2004):

“A Moreninha” permanece na cultura brasileira pelas suas adaptações para outros *media* e pela sua presença no currículo escolar. Esta permanência talvez possa ser atribuída à tropicalização de sua heroína: será que uma protagonista *moreninha*, em substituição às tradicionais pálidas e loiras, não falava mais alto ao coração do leitorado brasileiro? (Lajolo: 2004, 49).

O que nos parece é que Clarah Averbuck, a autora e suas obras, personifica a mulher culturalmente tropicalizada a que se refere Lajolo na citação acima, mas que não encontra, ainda, par com outras mulheres ou com outras adolescentes assim como sua personagem, Ira. Ambas ouvem vozes femininas em suas cabeças, vozes que vêm de dentro, não de outro.

7 O CORPO DE CLARAH AVERBUCK NO INSTAGRAM COMO ESCRITURA

Segundo Santaella (2004), a estética da beleza é um dos aspectos estruturantes da prática e do culto ao corpo o que implica textos e mais textos que dão todo tipo de conselho às mulheres sobre como evitar estrias, como alimentar-se para um corpo saudável e por aí afora. Vê-se a mulher-objeto, um material de prazer.

Essa ideia de imagem perfeita escultural de corpos esbarra no cotidiano das imperfeições; fácil deduzir que mulheres, jovens em especial, praticam da bulimia à anorexia em busca da perfeição. Pura anemia.

Exatamente para falar do corpo como sintoma da cultura e distúrbio que causa sofrimento é que Averbuck expõe seu próprio corpo a fim de marcar um corpo na medida do possível como um corpo real, não um corpo imaginário. Sabemos, o real não existe. Esse real nos dá conta pelo simbólico conforme seguimos por Lacan (1974-1975). O real transborda em sonhos, em chistes, em tantas simbólicas representações. De qualquer forma, aquela imagem que vemos estampada nas capas de revista é o imaginário, um ideal, de um eu. Assim, um ideal de artista, de modelo. Não se trata do corpo em si. Mas sim de um corpo que se vê no espelho. Um outro eu. Imaginário. Se esse corpo não comporta aquela imagem não serve para aquele eu. Então, as inúmeras receitas de emagrecimento, de tratamento da celulite, das academias sem fim para muito além do cuidado da saúde do corpo.

O corpo está desnudo nas redes sociais. São sempre sorridentes, são sempre esbeltos frutos do tratamento das imagens pela cada vez mais preciosa tecnologia digital. No entanto, essa é a busca por aquele corpo que se vê na lógica do consumo, na lógica

dos likes das redes. Diverso do real do corpo que sofre a ação do tempo, o envelhecimento, a morte.

Exatamente o corpo pulsional, real, é aquele exposto no instagram pela escritora. Aquele que provoca o olhar aos seios, às nádegas, às pernas e suas imperfeições. Fora do padrão de medidas das redes, ainda assim é um corpo que se mostra por imagens. Não é o corpo em si. Sim, imagens da fotografia que pratica a melhor posição, o melhor ângulo, a selfie desejada. Um eu mesmo que se fotografa quase sempre de forma digital, uma brincadeira que vem desde sua popularização em 2006. Existiam antes com o uso das descartáveis polaroides. Com o advento dos dispositivos móveis, elas já em 2013 viraram estrelas. Retrato dos autorretratos.

Averbuck fez várias selfies usando como pano de fundo a pole dance. Esse tipo de dança já existia em 1920, mas popularizou-se nos anos 2000 como exercício que exige prática, mas que pode ser realizado por qualquer pessoa. Quase sempre a dança é feita por mulheres. Ela dá flexibilidade e maleabilidade ao corpo. Marca músculos e exhibe extrema sensualidade de movimentos. Justamente em 2008, a atriz Jennifer Lopez exibiu-se em pole dance no filme “As golpistas”, de Lorene Scafaria. Na película, Lopez interpreta uma *stripper*. A conotação de dança sensual levou esse estilo a ser banido em alguns países como na Coreia do Sul, justamente porque essa dança encontra-se em bares em que strippers se apresentam. Muito comum é que os canos usados para a prática da dança encontrem-se profusamente em motéis como convite à exibição do corpo feminino. Em que pese alguns desastres semânticos, pelo contrário, a pole dance exige esforço físico e dedicação aos treinos isso faz com que assuma a posição firme de exercícios saudáveis ao corpo. A questão é que para fazer a pole dance usa-se muito pouca roupa porque braços e pernas precisam de liberdade para agarrarem-se ao cano. Eis que o corpo está necessariamente exposto como, aliás, os de bailarinos em geral. Essa exposição escancara literalmente o corpo deixando as imperfeições visíveis a olho nu. Inclusive mostrando as contusões que o exercício provoca.

Essa é a composição corporal das selfies em que Clarah Averbuck se coloca no instagram. Um corpo quase desnudo sob olhares. Essas postagens são quase sempre acompanhadas de um texto provocativo ao usuário a fim de chamar atenção às imperfeições do corpo da escritora. São fotos em que algumas vezes os gatos de Averbuck aparecem ao lado do pole, o cano. São sapatos de plataformas altíssimas que nos lembram desfiles de escolas de samba em fantasias mínimas.

A figura 3 mostra uma belíssima imagem, ali não como selfie, bem produzida de

um dos momentos de sensualidade da escritora falando e flinando pelo corpo. Além das fotos estúdio, há aquelas que usam o espaço público como as escadas do Municipal na figura 4. A ocupação transgride a chamada sobriedade do lugar público. Na figura 5, o que chama mais atenção é o texto que se segue à foto: “Meu corpo não é um objeto, é um instrumento pra fazer o que eu quiser: falar, dançar, comer, beber, existir, rebolar. E ninguém vai usá-lo ou minha sexualidade contra mim.”

Essas postagens no instagram são em média de fevereiro e março de 2019.

Figura 3: Postagem do instagram de Clara Averbuck



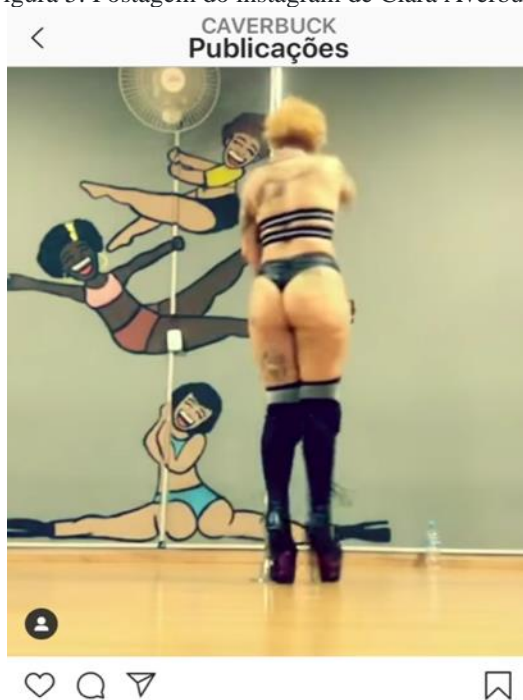
Fonte: Instagram.

Figura 4: Postagem do instagram de Clara Averbuck



Fonte: Instagram.

Figura 5: Postagem do instagram de Clara Averbuck



Fonte: Instagram.

Observando nas três figuras o corpo da escritora fazendo pole dance ou não, em selfies ou não, faz todo o sentido o que ela enuncia sobre o feminismo no sentido de não ter ligação com mostrar o corpo ou não, ser feminina ou não, ter ou não ter filhos. Clarah amplia a questão do feminismo expondo as mazelas sociais que envolvem homens,

mulheres, trans, todos:

Vale sempre lembrar que o mundo machista também oprime os homens com esse negócio de que eles têm que ser os provedores, que eles têm que ser durões, que não podem chorar, que não podem demonstrar nenhuma característica atribuída ao feminino porque isso é considerado uma fraqueza – já que as mulheres são consideradas mais fracas, logo, inferiores. Gay é "xingamento" porque ser gay é ser um homem mulherzinha. Gente, não dá mais isso, 2013, sabe? Chega de reproduzir conceitos sem sequer parar para pensar neles (Averbuck: 2020).

A citação acima é de 2015, em uma reação ao medo das pessoas ao termo feminismo. Já em 2013, a autora compunha um retrato de como uma menina se torna uma mulher em *Eu quero ser eu* (2013). Na obra, a rebeldia de uma adolescente assoma porque quer ser simplesmente como é: como seus cabelos são, com as roupas que gosta de usar. O livro é narrado por Ira, uma jovem de apenas 14 anos que fala palavrão, tem atração pelo professor de biologia e se passa por adulta para comprar cerveja. Mas, por trás de seu sempre presente caderno de desenhos e de suas camisetas de bandas de rock, está uma menina insegura, que questiona o tempo todo sua capacidade de se adaptar ao novo ambiente escolar. Em outras palavras, uma jovem que quer se afirmar como um ser que pensa, que tem ideias próprias. A narrativa, embora não autobiográfica, lembra bastante a relação da autora com a filha à época adolescente.

Ainda que desacompanhadas de texto as imagens projetadas no instagram de Clarah Averbuck provocam um olhar também político, para além do literário. É esse corpo que muitas vezes debocha e quer chocar quem o vê dando à artista a pretensa vulgaridade do senso comum, algo que ela não tem. Por que não? Ao lado dessas imagens do próprio corpo, a autora também se mostra em selfie de rosto quase sempre com enormes brincos, maquiagem intensa e deixando à vista tatuagens. Só, aliás, o corpo como forma de arte, no caso com as inscrições de tatuagens, daria um novo artigo sobre a escritora. Recente, em 17 de outubro de 2020, ela postou: “Autoficção: a vida como matéria-prima. Oficina online”. A descrição provocadora era: “hoje começa a oficina de autoficção pra aprender a usar a vida como matéria-prima, toda uma vida dá um livro, é só saber contar”.

Em 15 de outubro de 2020, ela postou exatamente o que daria boas análises do que sejam as redes sociais. Aponta o alto índice de suicídio e automutilação entre meninas de 15 a 19 anos por conta da insatisfação com o próprio corpo. Segundo pesquisas que ela menciona, as redes sociais seriam as responsáveis pelos índices. Apontamos sobre isso ao falarmos do instagram. Ou seja, meninas, mas mulheres também e principalmente

são atingidas por essa busca do que Clarah chama de ângulo. Ela assume que recebe cotidianamente anúncios de clínicas para procedimentos milagrosos. Como ela mesma diz, fica difícil não cair nessas armadilhas. E o post termina com: “Fiquem com essas fotos (sem filtro) da minha bunda em dois ângulos e pensem: o quanto somos afetadas?”

Por que essas postagens assumem um caráter de escritura? É o que se vê no texto acima, mas também na participação de lives como “Pole Dance: Desmistificando a prática do Pole Dance”, feita em 14 de setembro de 2020 no @miss_scarlet_fetichique. O enfoque trabalhou o que se convencionou relacionar com essa dança, ‘coisa de puta’, justamente pela criação inicial de trabalho das ‘dançarinas exóticas’. A autora, junto com a foto, provoca no post: “Por que ainda temos que explicar algo relacionado ao nosso corpo e a nossa sexualidade?”

A literatura que não está impressa também se expressa por essas oficinas anunciadas pela autora como é o caso do post publicitário em sua página “Como escrever putaria”, de 9 de outubro de 2020. O texto justifica a importância de aprender como se faz isso já que, segundo a escritora, “A oficina de putaria é para quem não tem paciência com os véus e eufemismos da literatura erótica pudica.” Ao lado dessas oficinas provocativas para o público comum que, provavelmente, não segue seu perfil no instagram, Clarah continua oferecendo aquelas de “Escrita Criativa” para “quem escreve, pra quem não escreve, pra quem escrevia e tem saudade, pra quem sempre quis: cola comigo”, post publicado em 23 de setembro de 2020.

Averbuck mostra em vários posts também aquilo que desmistifica autor e autoria em que pesem suas oficinas de autoficção. Caso da postagem de 20 de setembro de 2020 em que a escritora está em uma foto com botas de cano longo. Ela explica a relação dessas botas com as que aparecem em sua obra “Vida de Gato” (2004). Tão forte a relação, que ela conta do encontro na rua com uma fã que lhe perguntou se as botas eram as do livro. Imediatamente Clarah respondeu que aquelas eram as botas do livro. Só existiam no livro, “como tantas outras coisas na minha escrita. Não é porque a vida é matéria-prima da arte que podemos sair pisando nela por aí.”

Se falando sobre instagram, colocamos que nessa rede o foco é a foto, nem tudo caminha exatamente seguindo as normas de postagem de fotos sem texto ou com pequenos textos. É o caso de algumas postagens de Clarah como a de 17 de agosto de 2020. Abaixo de sua foto com ares de modelo o texto vai exatamente desmistificar também o que conhecemos como modelo de modelo. Algo que Clarah não é, mas queria ser. Trata-se de um texto bem longo com uma narrativa dos porquês queria ser isso ou

aquilo. E encerra com a ironia: “Modelo de porra nenhuma”.

Ao lado de ideias sobre o corpo e sobre a crítica que se faz ao uso dele, sobre como Clarah encara a escrita criativa e a autoficção, a autora vai postando seus encontros cujas conversas, como no caso da live do Jornal da Forum, “Comentários e análises da política”, publicada em 17 de agosto de 2020, falam sobre isso. E continua com as provocações como em 24 de julho de 2020 ao escrever abaixo de uma foto montada em sapatos de pole dance: “você só posta foto pelada- você não escreve mais!!! isso é feminismo?! precisa? o estado do país e você aí querendo ver arte no corpo”.

Nesse ponto, questionamentos se fazem. Texto nas redes sociais é literatura? Autoficção no instagram é literatura? O instagram de Clarah Averbuck é literatura?

A autoficção é considerada literatura porque não se trata de autobiografia, mas de uma fusão de autor e narrador, de biografia e ficção, algo como as botas de Vida de gato e as botas usadas pela autora andando pelas ruas. São muitos os grandes autores que fazem autoficção. Um exemplo é o autor Philip Roth. Outro é o do brasileiro Cristóvão Tezza. No caso deste último, sua obra “O filho eterno” (2007) narra a relação de um pai com um filho com síndrome de Down. O fato de o autor, de fato, ter um filho com a síndrome é apenas parte da semelhança. No mais, a vida de Tezza e a do pai no livro seguem rumos diversos da vida. São rumos ficcionais.

As redes sociais avançam e, desde os blogues até o twitter, vários autores vieram a público e delas foram impressos em livros por grandes editoras. O caso mesmo de Clarah evidencia essa transição. A autora começou a escrever em blogues e deles teve vários livros publicados. À época, eram os blogues. Muitos escritores continuam esse percurso como Gimenes (2017) já apontava incluindo obras de Averbuck em sua análise do percurso escritura impressa e e-book.

É fato que textos publicados no instagram podem se assemelhar à autoajuda e ser interessante às editoras que buscam publicações que tenham por trás inúmeros seguidores. Seguidores são compradores de livros. Apontar que Clarah tem, em 17 de outubro de 2020, 45,2 mil seguidores é um número considerável. Se cada um desses seguidores também compra ou comprará livros da autora não é garantia de sucesso já que a própria autora afirma em vários posts que está sempre em busca de trabalho, que seu livro este ou aquele está esgotado e que nenhuma editora a procura para nova edição. Enfim, que muitas vezes está sem dinheiro até para manutenção de seu lugar de moradia. A escritora já disse que está escrevendo um novo livro. Pelo celular. O computador quebrou.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clarah Averbuck, ultimamente assina apenas Clara Averbuck, publicou alguns livros. Muitos por grandes editoras. Toureando o diabo, por sua editora, Editora Averbooks, em 2016. Há muitos textos de sua autoria circulando em várias revistas, em blogues, podcasts e... no instagram. Para o que propusemos aqui, esses corpos textos enfatizam as propostas de autoficção da autora, qual seja, um ativismo feminino que aponta às preocupações com a figura, principalmente, da mulher. Um corpo que se dá a ler no ou sem complemento do texto verbal. O porquê ela escolheu a pole dance para expressar essas agruras femininas pudemos observar em seus ângulos de selfies que provocam o olhar. Não houvesse o verbal e o imaginário daria ao voyeur o que ele busca. Não a afetação tão somente de prazer sexual, mas a indagação dos movimentos, as vestimentas mínimas do uso da dança, a extravagância do corpo. A presença do espectador em cena. Um corpo que dança conforma-se em outro que dança também. Como apontamos, um imaginário o que faz de Clarah, em certo sentido, um ícone a ser imitado, a ser seguido por outras mulheres em busca da expressão não somente, mas em busca de um ativismo que fala pelo corpo. O que fala esse corpo, qual é a sua escritura? Aquela que aponta para a ainda opressão do feminino moldado a calar-se. Tudo que Clarah Averbuck não faz. Por isso, dança. Dança e pratica essa dança em rede social, no instagram, próxima de quem a segue. Escreve com o corpo as vicissitudes de ser mulher em um corpo literário que fala.

REFERÊNCIAS

- AVERBUCK, Clarah. *Eu quero ser eu*. São Paulo: 7letras, 2013.
- _____. *Feminismos para Leigos*. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2015/03/03/clara-averbuck-feminismo-para-leigos/>. Acesso em: 16 out. 2020.
- _____. “Perfil no instagram”. In.: *caverbuck*. 2019-2020.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições 70, 1964.
- _____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. *Sade Fourier Loyola*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- GIMENES, Roseli. *Literatura brasileira do átomo ao bit*. São Paulo: Scortecci, 2017.
- GRANTA. Os melhores escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva-Alfaguara, 2012.
- LACAN, J. “Le seminaire”. *Livre XXII: RSI (1974-1975)*. Seminário inédito, transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas. Disponível em: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>. Acesso em: 16 out. 2020.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia*. 1.ed., v. II, Florianópolis: EDUNISC, 2003.
- RUFFATO, Luiz (org.). *Vinte e cinco mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SANTANA, Jair. *Nome Próprio - Murilo Salles*, 2008. Disponível em: <http://sobretudofilmes.wordpress.com/2008/08/22/nome-proprio-murilo-salles-2008/>. Acesso em: 16 out. 2020.
- SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Corpo e comunicação. Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais. A cognição conectiva do twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.